

KLOSSOWSKI, Pierre**Nietzsche e o círculo vicioso**

Prefácio de José Thomaz Brum, tradução de
Hortência S. Lencastre. Editora Pazulin, 2000.

Selmo Gliksmann

Todo sistema filosófico em que o corpo do homem não tenha um papel fundamental é inepto, inapto.

Paul Valéry,

Cahiers, 1920-1921. M. VII. 769.

No belo e muito elucidativo prefácio de José Thomaz Brum ao livro *Nietzsche e o círculo vicioso*, de Pierre Klossowski, ele nos conta que, após a leitura da obra, Michel Foucault enviou uma carta a Klossowski na qual consta a seguinte sentença: "É o maior livro de filosofia que eu li...".

Quando um livro cujo conteúdo se coaduna com os nossos interesses e parece responder aos nossos mais profundos anseios – e por que não, angústias – nos vem às mãos, é possível, devido a um autêntico e legítimo sentimento de júbilo e entusiasmo, afirmar com segurança que jamais nossos olhos tiveram o prazer de contemplar tais e tais palavras, que jamais nenhum livro falou e expressou tão precisamente aquilo que, todavia, vínhamos sentindo – mesmo inconscientemente – já há muito tempo, mas não sabíamos ou não podíamos nomear.

Nietzsche e o círculo vicioso, de Pierre Klossowski, parece incluir-se nesse caso, e, se digo "parece", uma impressão, ainda que possa ser compartilhada, é sempre de ordem muito pessoal, íntima mesmo, às vezes tão pessoal que só podemos fruir o prazer ou desprazer de uma impressão ou a experiência extraordinária de uma nova descoberta no silêncio angustiado de nossa solitude. Não importa, mesmo sentida somente no âmbito de nosso "espírito", compartilhamos o prazer

e a esperança silenciosa e um tanto secreta de que outros "espíritos" possam ter tido uma impressão semelhante àquela que nos arrebatou, tal como o elogio de Foucault, que, embora impactado pela leitura, não deixou de dizer que "foi o maior livro de filosofia" que *ele*, Foucault, tinha lido, e não o maior livro de filosofia que já havia sido escrito.

Qual seja! *Nietzsche e o círculo vicioso*, de Klossowski, é uma dessas obras que atacam e aprofundam, de forma raríssima e com erudição e rigor, conceitos nietzschianos muito discutidos, porém uma compreensão mais nítida de tais conceitos, mesmo entre aqueles que honestamente refletem sobre eles, quase sempre deixou, como se diz, a desejar. Não se trata de dar uma definição absoluta ou compreender "de uma vez por todas" as categorias com as quais trabalhou Nietzsche, mas de compreender que, por mais ambíguas e múltiplas que as abordagens sobre as categorias nietzschianas possam ser, isto não exime o comentador do desafio de torná-las o mais claras possível. Klossowski só se torna bem-sucedido em sua empreitada porque sabe interpretar Nietzsche a partir do próprio Nietzsche, isto é, se Nietzsche desprezou as categorias tradicionais de "sujeito", "consciência" e "Razão", Klossowski tem a competência e a coragem para construir o seu pensamento sobre o filósofo a partir das concepções nietzschianas de "instinto", "vontade de potência" e "eterno retorno", fazendo o possível para permanecer no registro de Nietzsche e não sucumbir à tentação de pensá-lo dentro das categorias tradicionais da psicologia e da filosofia – que o filósofo alemão tanto combateu e criticou – o que lamentável mas compreensivelmente vem comprometendo, desde as primeiras exegeses, a real dimensão e radicalidade que a obra de Nietzsche compõe.

Klossowski, como revela o prefácio de José Thomaz, "possui um vasto saber e

uma erudição rara de ser encontrada em um só homem" e, com uma capacidade ímpar, é um desses raros comentadores – e, é preciso que se diga, um dos grandes pensadores do século XX – que conseguem refletir com precisão e clareza tais conceitos e, mais do que isto, ele é extremamente bem-sucedido onde outros fracassaram no que concerne a vincular a biografia de Nietzsche às suas dores, aventuras, alegrias e arrebatamentos, sem cometer os abusos dos tipos de abordagem que pretendem condenar ou até supervalorizar precipitada e irresponsavelmente o pensamento de Nietzsche às custas de sua vida pessoal.

Não se trata de – como vergonhosamente se faz hoje – ficar bisbilhotando a vida privada de um renomado pensador, ou os aspectos triviais do seu dia-a-dia, em busca da detecção e do flagrante de alguma fraqueza – ainda que, dependendo da fraqueza flagrada, ela possa ajudar a desmascarar a imagem de respeitabilidade que muitos pensadores adoram exhibir –, mas de perceber que pensamento e vida psíquica estão intrinsecamente con-fundidas e mescladas com as flutuações e os humores de um corpo. Para Nietzsche, separar a obra conceitual de um filósofo, seus juízos e conclusões é um grave erro, e estes não podem em absoluto ser vistos como compostos autônomos que nada têm a ver com a forma de este mesmo indivíduo comer, amar, trabalhar, enfim, tudo o que compõe a vida de alguém, seus caprichos e idiossincrasias, dores e alegrias, está, para Nietzsche, irremediavelmente vinculado à produção de um pensamento.

A maior parte do pensar consciente de um filósofo é conduzida secretamente e forçada a tomar determinados rumos através de seus instintos. Também por trás de toda lógica e da aparente imponência de seus

movimentos, encontram-se valorações ou, dito de modo mais claro, exigências fisiológicas para a manutenção de um determinado modo de vida.¹

É sempre uma questão delicada saber até onde é lícito ou não estabelecer conexões ou separações absolutas entre o pensamento e a vida de alguém. Em Nietzsche, a corporalidade e os instintos assumem uma importância crucial sem a qual qualquer tentativa de compreender a produção de um pensamento fica sem efeito e se perde. A fim de compreender os mecanismos daquilo que chamamos de razão ou consciência, é necessário coragem para compreender até que ponto elas estão, irremediavelmente, comprometidas com a fisiologia ou a constituição pessoal de alguém. Porém, Nietzsche vai além e diagnostica, ao declarar, no seu *Zarathustra*, que "há mais razão em teu corpo do que na própria essência de tua sabedoria", que a preferência de alguém por este ou aquele pensamento nada mais é do que o indicador da sua constituição pessoal, e como, para ser digno de crédito, o pensamento de um filósofo deve, segundo o próprio Nietzsche, ser o reflexo de sua própria existência e sua existência o reflexo de seu pensamento, estabelecer o vínculo entre a vida e o pensamento passa a ser não só lícito mas até mesmo um teste ou uma espécie de termômetro para medirem-se a sinceridade, a integridade intelectual e o vigor de qualquer pensador. Assim, na imagem de Nietzsche, para encarar-se de frente a verdade, ou aquilo que está por "trás" da razão, é mister um tipo de coragem e força de corpo e alma que possa suportar tal verdade, e Nietzsche vê a sua filosofia ou toda a filosofia que mereça este nome como a expressão autoconsciente de um tal vigor. Nisto consiste o desafio do próprio Nietzsche, ao dizer, sem meias palavras, que "pouco a

pouco foi se tornando claro para mim em que consistiu até agora toda a grande filosofia, a saber, numa *autoconfissão* de seu autor".² É por isso que, de acordo com Nietzsche, não se tem o direito de não se levar em consideração a vida de um filósofo como "autoconfissão" do seu pensar, mas, ao contrário, faremos justiça a ela, se desta forma procedermos.

Pierre Klossowski, em seu magistral livro, estabelece uma relação entre os sofrimentos de Nietzsche e o seu pensamento de modo não pejorativo, ou seja, não faz das terríveis dores de cabeça e de outros tipos de sofrimento físico e existencial do filósofo um julgamento moral do tipo que quer justificar a filosofia pelos sofrimentos ou explicar as dores de Nietzsche a partir do seu pensamento. Klossowski faz das próprias noções nietzschianas de "vontade de potência", "impulso" (*Triebe*), "afeto" (*affekte*), "desejo", "instinto" (*Instinkte*) e outras o seu instrumento para compreender como Nietzsche relacionava corpo e pensamento, saúde e doença, força e fraqueza. A frágil conexão entre pensamento e dor é pensada por Klossowski, talvez, pela primeira vez, com profundidade e lucidez tão espantosas quanto as do próprio Nietzsche ao descer aos subterrâneos da "alma". Para compartilharmos da interpretação de Klossowski acerca da relação que Nietzsche fazia entre o pensar e as reações no corpo deste pensar – o que torna Nietzsche o grande precursor da Psicologia que Freud viria a desenvolver, mas ao mesmo tempo o afasta do saber psicanalítico, uma vez que a Psicologia de Nietzsche escapa às categorias de sujeito, identidade e consciência – é necessário perceber um certo paradoxo que o próprio Nietzsche constrói entre o corpo e o pensamento: "Uma coisa sou eu, outra coisa são meus escritos".³ Quando se constrói uma filosofia que pretende combater tudo o que é fraco, que vai se opor à "vontade de potência", o filósofo pode vir a sofrer com este enfrenta-

mento e se contagiar pela tristeza e niilismo daquilo mesmo que é objeto de sua reflexão e crítica, assim como o próprio Nietzsche, que sofria de enormes dores de cabeça, frequentes acessos de vômito e dores nos olhos à época em que, por isso mesmo, precisou retirar-se da vida acadêmica na Universidade de Basiléia. Por outro lado, Nietzsche interpretava esta desproporção entre a dor causada pela tomada de consciência sobre algo, seja de "fora" ou inerente a ele mesmo, de maneira surpreendente, pois percebia na enfermidade ou num determinado tipo de obstáculo uma espécie de ingrediente e resistência sem a qual nenhuma força ou alegria poderia se fazer presente no interior de um indivíduo. A beleza da interpretação klossowskiana a propósito da relação entre o sofrimento e o pensamento de Nietzsche – que é, afinal de contas, em parte comum a todos nós – é que ela nos ajuda a compreender essa intrigante, sedutora e enigmática noção de Nietzsche de que, nos grandes espíritos – e é preciso que se declare que grande em Nietzsche é ser possuidor, entre outras coisas, de uma enorme força e vontade anímica – é justamente um entrave ou uma dor que vão *catapultar* a expressividade. Por isso, não é surpresa quando ficamos sempre – nós "modernos", tão suscetíveis à dor e tão amolecidos pelo conforto – um pouco desconcertados ao tentar compreender Nietzsche quando este nos declara:

Um ser tipicamente mórbido não pode ficar sadio, e muito menos curar-se a si mesmo; inversamente, para um homem tipicamente sadio pode a doença ser até mesmo um poderoso estimulante para viver, para viver mais. De fato, é assim que eu vejo agora aquele longo período de doença: é como se eu tivesse descoberto de novo a vida e a mim

mesmo; eu saboreei todas as coisas boas e mesmo as pequenas, como outros não conseguem facilmente saborear – *fiz de meu desejo de saúde, de minha vontade de viver, a minha filosofia*.⁴

Um dos grandes méritos de Klossowski é o de não refletir sobre os sofrimentos de Nietzsche como quem vasculha a biografia à busca de uma etiqueta que se pudesse colar sobre a obra toda, o que seria um método deplorável. Klossowski desvia-se de uma falsa confusão que normalmente se faz entre o colapso mental de Nietzsche e sua filosofia e não interpreta os sofrimentos do filósofo, por demais pessoais, como produtores fundamentais da sua obra, mas reconhece a importância da centralidade da concepção dos impulsos (*Trieb*) para Nietzsche e o papel crucial que ela desempenha no pensamento do eterno retorno (a noção cíclica do tempo e da história).

À medida que pensa sobre o filósofo alemão e o sofrimento que o acompanhou durante toda a vida, sem conferir à obra de Nietzsche, devido à "loucura", nem um motivo para desacreditá-la, nem para conferir-lhe maior importância, Klossowski, com o *O círculo vicioso*, presta um belo tributo a Nietzsche. Franz Overbeck, grande amigo de Nietzsche, foi o primeiro a testemunhar as perturbações mentais do filósofo quando se prontificou, mesmo doente, a viajar até Turim para ajudar a levar Nietzsche de volta à Basileia – quando declara sobre a desrazão de Nietzsche:

(...) Não, o seu fim retrojeta uma luz sobre sua vida, como pensam aqueles que concluem a partir de seu fim ter sido Nietzsche apenas um bobo cuja vida simplesmente dá ocasião para investigarmos os inícios de sua demência, *mas a sua vida*

ensina a julgar corretamente o seu fim.⁵

Notas

¹ Nietzsche, Friedrich, *Além do bem e do mal*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

² *Ibid.*

³ Nietzsche, Friedrich, *Ecce Homo*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

⁴ *Ibid.*

⁵ Comentário de Franz Overbeck sobre a doença de Nietzsche. Citação confrontada no *Friedrich Nietzsche, Vorspiel einer Philosophie der Zukunft*, organizado por K. Löwith, Frankfurt, 1959, p. 27.